

LETRAMENTO ESCOLAR: GÊNERO TEXTUAL CORDEL EM SALA DE AULA

Carlos Frederico de Gouvêa Caldas¹

RESUMO

O objetivo do presente estudo é analisar como foi construída a mediação leitora em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, da rede pública de ensino, na disciplina de língua portuguesa. Como base teórico-metodológica usamos a concepção de aprendizagem como resultado da interação dialética de um indivíduo com outros, neste caso com o professor e colegas de sala; o conceito de letramento centrado nas práticas sociais que envolvem a leitura, a escrita, seus usos, funções e efeitos sobre o indivíduo e a sociedade, subsidiado pela unidade de ação pedagógica, o gênero textual. No que concerne à prática dos gêneros textuais, focalizamos em um que é considerado menos prestigiado socialmente, mesmo estando recorrente no contexto social: o cordel. Através de uma pesquisa etnográfica, com abordagem qualitativa, os dados foram coletados pela observação de eventos pedagógicos e entrevista com a docente responsável pela turma referida. Assim, caracterizamos as práticas pedagógicas do professor, sujeito desse estudo, evidenciando uma negligência com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, com as atuais discussões sobre mediação, letramento, gênero textual, que, embora esse esteja presente no contexto da sala de aula, não é suficiente para consolidar a aprendizagem do uso e função social do gênero textual.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Mediação Leitora. Literatura de Cordel.

¹ Trabalho realizado para a disciplina de Alfabetização e Letramento, ministrada pela professora Dra. Marlene Ogliari, no mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). Na UFRPE-UAG. Vinculado a CAPES. Garanhuns – PE.

Nosso universo de cultura popular foi capaz de edificar ao longo dos séculos uma rica catedral de imaginário simbólico. Se isso for trazido à tona, pode ajudar nos nossos processos educacionais e artísticos.

Antonio Nóbrega

INTRODUÇÃO

A prática contínua da leitura em consonância com a mediação do professor no Ensino Básico parece ser fundamental para ampliar os níveis de letramento no âmbito escolar. É sempre importante lembrar que o ato de ler contém em si o princípio da totalidade e ao mesmo tempo a dinamicidade que abrange o próprio movimento da realidade humana e a dimensão social. São estes elementos caros ao processo de ensino-aprendizagem que contribuem para a necessidade de uma mediação leitora.

Considerando que o letramento representa processo em que a aquisição da leitura e da escrita imiscuído com o contexto social e que essa aprendizagem envolve-se efetivamente com o cotidiano dos sujeitos envolvidos. Nota-se assim, que há uma preocupação com a dimensão social da língua, da apreensão de escrita, da leitura.

Dialogando com este entendimento de letramento em sala de aula está a necessidade de aproximar o ato da leitura, do lastro de conhecimentos de nossos leitores em formação. Para isto, é conveniente a utilização de textos que sejam do cotidiano se não apenas escolar, mas, pelo menos do imaginário cultural desses sujeitos envolvidos. Temos então a convicção de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

Neste presente trabalho, observamos uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal no município de Garanhuns, agreste do estado de Pernambuco, a fim de embasar a construção do uso pedagógico do cordel como veículo de letramentos.

A partir da análise dessa intervenção descrita que foi visualizada *in loco* temos a elaboração uma proposta de mediação leitora que poderá ser utilizada pelo ente mediador e o sujeito, no processo de construção dos letramentos, nas práticas de leitura em sala, tendo sempre o cordel como gênero textual como componente discursivo básico.

Em diálogo com os pesquisadores, na próxima parte, nortearremos os conceitos envolvidos na construção desse processo que ultrapassa a alfabetização e que troca, obviamente, a figura tradicional do alfabetizador, detentor do sistema de codificação/decodificação, pelo mediador de leitura, com alterações e resultados como veremos além das terminologias envolvidas.

Esperamos conseguir, ao final deste relato, desenredar o novelo que não permite adequadamente o letramento do nosso sujeito leitor somente pelo professor convencional. Tentando refletir acerca de algumas inquietações:

1 - É possível utilizar um gênero textual desprestigiado socialmente em sala de aula e obter resultados satisfatórios de letramento?

2 - Como a proximidade social com o interlocutor/autor pode construir vínculos entre o sujeito, identidade, leitor em formação e a prática de leitura?

OS ESPECIALISTAS E O TEMA

Leitura, letramento, gênero textual (cordel) e mediação leitora são conceitos, pressupostos envolvidos no processo e que precisaremos delinear-los a fim de se reconhecer as (im)possibilidades de construção de projeto de leitura fazendo uso de um gênero textual de dimensão e origem popular.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) colocam a prática de leitura como condição à escrita. Seria, sob esta ótica, o ato de ler apenas pretexto para a aquisição da escrita: (BRASIL,1997, p.40) “O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura”.

Esta possibilidade, apesar de existir e ser obviamente desejável, não deveria ser a principal preocupação do trabalho com o eixo da leitura. Até por não ser uma relação de causa e efeito plenamente viável e tão imediata como sugerem os PCN. Além de ratificar paradigmas de preconceito que tentam, por exemplo, desvincular uma função social, inclusiva para o papel da leitura.

Já os estudos que incluem os gêneros textuais, além de permitirem uma prática social consolidada por determinada comunidade, também os torna passível de serem rotulado, conservado, modificado, modelado, repetido, transformado a partir dos próprios usuários. Permite competências de autonomia do leitor desejáveis para construção de criticidade e maleabilidade. Amplia-se a convencional necessidade de exploração da forma e conteúdo dos gêneros textuais, outros conceitos subjetivos como: legitimidade, ideologias, representações sociais de indivíduos em interação com esses elementos extralinguísticos.

São estas ‘apreensões’ conseguidas pelo leitor junto com seus conhecimentos prévios que permitem, fazendo uso de uma construção de Villardi (1999, p.4), entender que “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando-se criticamente frente às informações colhidas para exercer a cidadania”.

Considera-se assim, segundo Kleiman (1989), que tanto o conhecimento linguístico, quanto o textual e o de mundo são indispensáveis para que o leitor construa o sentido do texto a partir de uma interação autor-texto-leitor.

O mediador é a ponte, intermediário que aproxima/liga o leitor da leitura e do livro através de sua paixão pela leitura e encaminha o andamento do processo, nunca substitui o principal sujeito, o próprio leitor, autônomo ainda que solidário. Acerca deste último aspecto caberia ao facilitador se servir da andaimagem que segundo Bortoni-Ricardo (2013) permite que outros entes envolvidos, inclusive, colegas de sala possibilitem e sirvam de andaimes para outros que tenham um nível de leitura insuficiente para a proposta.

Outro tópico que queríamos refletir é acerca da terminologia Literatura Marginalizada (SARAIVA, 1980) se amalgamando e diferindo do conceito de literatura popular. De forma que atualmente não somente as classes menos prestigiadas produzem e leem os folhetos de cordel, assim, toda uma conotação pejorativa seria evitada, além de incluir uma forte temática social que o próprio gênero textual impõe.

METODOLOGIA

Utilizamos uma pesquisa Etnográfica com abordagem qualitativa – com análise da observação de eventos, em aulas (ANDRÉ, 2008) e registro em diário de campo, além de uma pesquisa inicial com a docente responsável pela turma, por meio de entrevista.

O nosso campo de coleta de dados foi uma Escola da Rede Municipal da cidade de Garanhuns, agreste do estado de Pernambuco, bairro de Heliópolis. A unidade educacional funciona há três anos no espaço no qual havia anteriormente uma escola pública estadual e que foi relocada para outro prédio no mesmo município.

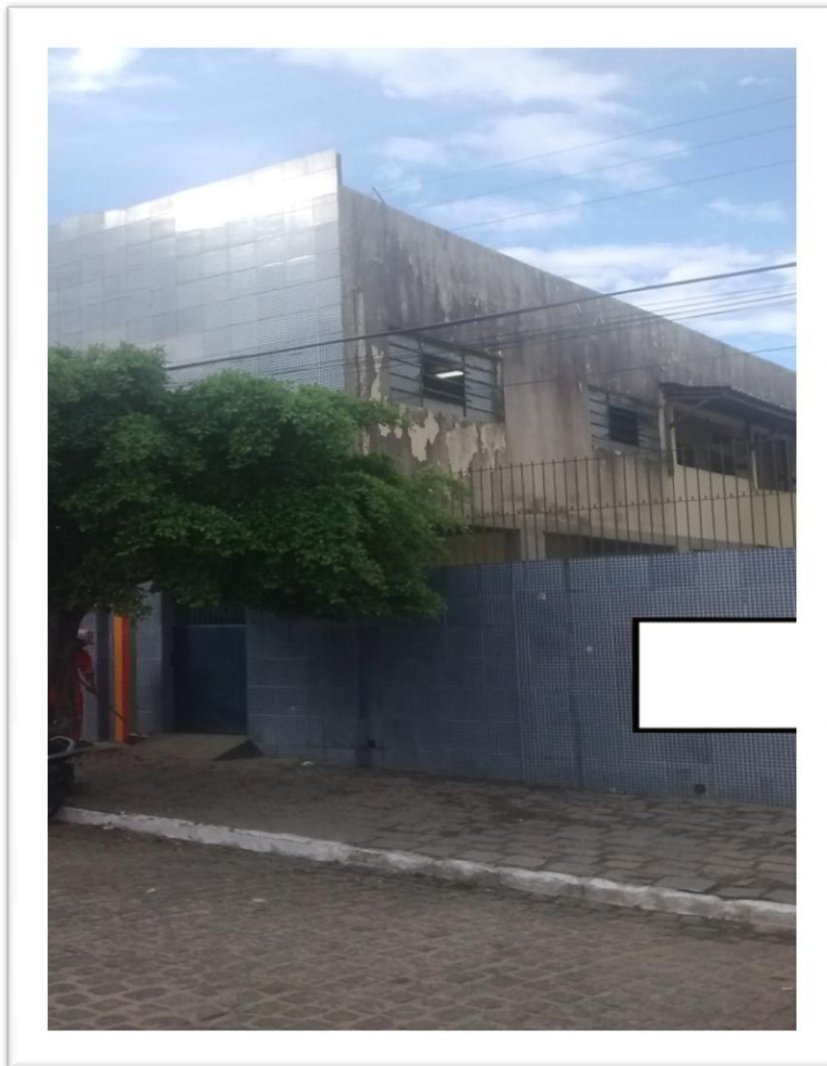


Figura 1 - Campo de Estudo - Escola da rede municipal de Garanhuns

Estruturalmente, a unidade faz uso de nove salas no turno vespertino para o ensino fundamental, ainda que outros cômodos estejam ociosos (cinco), não temos na instituição um espaço para leitura, tampouco sala destinada a laboratório de informática que funcione, segundo a professora relatou durante a entrevista. Aparelhos de TV, DVD, projetores e notebook a escola tem em quantidade suficiente, apesar, de a docente sublinhar que havia muita burocracia para fazer uso desses aparatos tecnológicos. Como não é nosso objetivo no momento esta análise, a coleta

desses dados estruturais não precisou avançar. Ainda que não desconsideremos uma relação direta entre as condições de trabalho docente com os resultados objetivos conseguidos durante o processo de ensino e aprendizagem.

A turma pesquisada do 5º ano era composta por 28 alunos nos eventos observados. Sendo doze meninos e dezesseis meninas. Uma questão que julgamos importante é a terminologia para essa turma do 5º ano D. Esta letra D (que indica ser a quarta turma formada para esta série na instituição) parece encerrar alguns preconceitos e/ou constatações por parte da escola, da professora e pela própria rede. Sendo assim denominadas incluem uma clientela: estudantes com desvio de idade/série, ou distúrbios de aprendizagem, ou ainda o que é muito comum, avaliações atitudinais excludentes. Comumente, a (in)disciplina em outras turmas acaba gerando/formando uma grupo assim na instituição de ensino que deveria incluí-los. Até podemos corroborar com o próprio relato da professora (em entrevista) sobre a ocorrência: “Realmente é uma turma difícil. Temos que tirar leite de pedra, mas, não deixamos de tentar. É uma turma que normalmente nenhuma professora quer ficar com ela...”.



Figura 2- Turma do 5º ano D

A maioria dos estudantes (vinte e quatro do total) é assistida por programas sociais sejam municipais, estaduais ou federais de complementação da renda. E onze crianças são provenientes de programas/projetos direcionados a sujeitos que estão com desvio série - faixa etária ou severo déficit de aprendizagem: “Se Liga” e “Acelera”.

Quanto à formação da docente que atua como educadora polivalente nos foi declarado pela própria: que possuía o Curso Normal Médio; era licenciada em Matemática com especialização em psicopedagogia; Tinha nove anos de atuação na área e na instituição era o primeiro ano. Sendo professora efetiva dessa rede pública e ainda atuando como professora contratada da rede pública estadual de ensino.

Temos por objetivo na pesquisa refletir sobre as práticas de leitura de gênero textual literatura de cordel em sala de aula sob a mediação do professor e fazendo uso de andaimes. Secundariamente, vamos observar como são formuladas as práticas de leitura e de mediação em sala de aula, além de identificar como o gênero textual cordel é utilizado em sala de aula em processo de ensino-aprendizagem para a leitura e construção da identidade na sala pesquisada. Ainda lançaremos mão de uma reflexão sobre o conceito de Literatura Marginalizada que pode facilitar o estudo dos gêneros menos prestigiados em sala de aula. Por fim, indicaremos sugestão de trabalho a partir de nossas considerações acerca da pesquisa.

TÓPICOS DE ANÁLISE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E SUGESTÃO DE ATIVIDADE

De forma a tecer algumas considerações básicas e por questão de espaço, vamos topicalizar sobre a análise da nossa pesquisa etnográfica com abordagem qualitativa.

- Atividade de leitura não inclui professora como mediadora do processo tampouco parece contribuir emancipação dos sujeitos enquanto leitor;

- Livros de projeto da rede municipal pesquisada (“Nas Ondas da Leitura”) que distribuí quatro livros paradidáticos com os alunos são utilizados apenas como pretexto para decodificação/codificação. Eventualmente, para correção de alfabetização (tardia);

- Quando os gêneros textuais marginalizados são utilizados em sala seguem o mesmo paradigma tradicional ou em datas comemorativas (Ex.: Dia do Folclore, Festas Juninas). Ainda que toda rede estivesse trabalhando o gênero textual literatura de cordel em sala, não houve formação adequada para o corpo docente repercutindo objetivamente nos resultados.

- A postura que a professora considerava adequada para o seu aluno era de um leitor-aprendiz passivo;

- Docente não se julga (dado coletado na entrevista) preparada para atuar como mediadora de leitura. Tampouco, com uso de gêneros textuais marginalizados como construção identitária.

- Abordagens são sempre com formato de intervenção pedagógica tradicional. Atividade extraclasse: pesquisa escolar sobre vida e obra do poeta Patativa do Assaré que poderia ser uma atividade com repercussão positiva em sala não ocasionou nenhuma discussão posterior, contextualização ou finalidade diferente de uma avaliação formal e somativa.

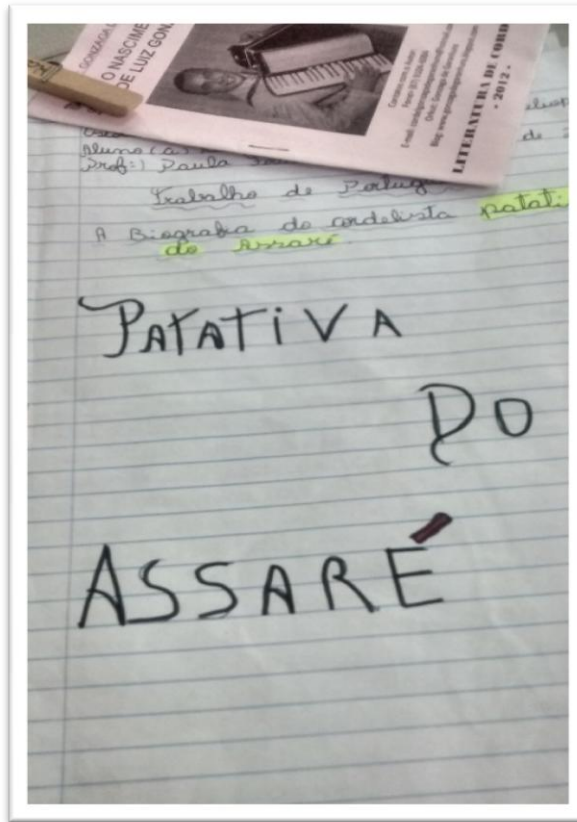


Figura 3 - Atividade solicitada pela professora sobre a vida de Patativa do Assaré

- Concepção tradicionalista da Educação. Contraponto: disposição das carteiras na sala (circular) ainda que de forma alguma tenha conseguido de fato tornar o conhecimento cíclico;
- Relação interpessoal da docente com os alunos é autoritária de forma que a criação de andaimes fica prejudicada;
- Procedimentos pedagógicos impressionantemente arcaicos (ex.: “ditado” – treino de ortografia - para complementar aula);
- Os preceitos de letramento(s) estão distantes do processo de ensino-aprendizagem nos eventos observados.

▪ Exemplo de diálogo (coletado durante observação) pouco reflexivo e/ou punitivo:

P – Silêncio! Quem não fizer silêncio vai fazer a leitura do cordel aqui na frente!

A1 – Eu vou! Mas, só que não. Eu não sei ler, tia.

P – E o que você está fazendo aqui? Se não aprendeu a ler sua turma é outra.

A1 – Calma, professora...

P – E quero também o trabalho, a unidade acaba agora. E vale nota!

SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR COM GÊNERO CORDEL

Como sugestão de um trabalho de leitura com mediação do professor, a partir do gênero textual cordel, elaboramos um modelo didático que privilegie sempre a autonomia do leitor e a interação entre texto, mediador de leitura e sujeitos.

Não é nosso interesse, obviamente, engessar o labor pedagógico, apenas sugerir indicações possibilidades de atividades sequenciadas a partir de trabalho com mediação leitora, interdisciplinar, gêneros menos prestigiados e letramento, a partir desta pesquisa. Reiteramos que não trataremos neste momento de uma sequência didática como sugere SCHNEUWLY; DOLZ (2004).

Partiríamos de um trabalho pedagógico a ser desenvolvido em 16 aulas, em 8 encontros de 2 h/aula. Dependendo do encaminhamento dado ao processo pode-se modificar de acordo com a realidade docente e dos interlocutores discentes:

Evento	Situação pedagógica	Resultado esperado
Escolha e delimitação temática	Leitura de textos informativos diversos sobre drogas e álcool.	Refletir e delimitar tema a ser estudado
Discussões sobre o projeto de descriminalização de algumas drogas	Tema: drogas lícitas e ilícitas	Produção oral de argumentos
Trabalho interdisciplinar: português, biologia e química	Fórum de discussão Atividade em grupo	Refletir sobre a temática a partir das diferentes disciplinas e seus mediadores de leitura
Trabalho interdisciplinar: português, biologia e química	A partir das discussões em disciplinas diferentes, produção de cartazes	Produção de cartazes em cada disciplina
Leitura	Cordel <i>O ABC da Cachaça</i> de Apolônio Alves	Leitura mediada pelo professor
Releitura	Outros textos de cordel (mesma temática ou que tenha modelo composição tipo "ABC")	Produção de jogral
Gênero textual Cordel	Estudo do gênero textual cordel (sistematização)	Aula expositiva e atividade escrita
Ensaio e apresentação	Produção e apresentação de jogral	Socialização do jogral e cartazes para toda a escola

Quadro 1 (fonte: do autor): Sugestão de atividade com gênero literatura de cordel

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de leitura que tenham o foco na concretude social, ainda é realidade distante das nossas salas de aula, assim como, o uso do gênero textual literatura de cordel com foco em uma maior emancipação do leitor-aprendiz.

Pelo recorte observado é possível aferir que o lugar-comum nos eventos é a falta de preparo docente para lidar com a prática de conceitos correlatos e inter-

relacionados: mediação leitora, letramentos, gêneros textuais desprestigiados em sala de aula.

Esta pesquisa etnográfica pela observação de evento do cotidiano escolar e se utilizando ainda de entrevista com o docente contribuiu para nos alertar acerca da necessidade de novos estudos de práticas de letramento e intervenções específicas que relacionem a formação dos nossos professores do ensino fundamental com a necessidade apreensão de conceitos teóricos que referenciem e valorizem os gêneros textuais marginalizados por meio de uma mediação leitora e que transforme estudantes em estágio mais avançados em andaimes para colegas que por ventura precisem.

Ainda notamos uma necessidade de aplicação de conceitos e pressupostos que possam ser realmente assimilados por docentes do ensino básico e que contribuam com o letramento realizado pela escola de práticas tradicionais arraigadas.

Há a objetiva indicação de que gêneros textuais marginalizados e que fazem parte do imaginário desses leitores em formação aproximam o mundo do aluno, do mundo da produção artística, favorecendo a recepção de diversos letramento bem como um busca identitária.

Gêneros textuais como folheto de cordel aliado a uma concepção de leitura que ultrapasse o limite da superfície do próprio texto tende a contribuir na formação de um leitor mais reflexivo e autônomo.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M; MACHADO, V. R. (Org.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Os gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. *O cordel no cotidiano escolar*. Coleção Trabalhando com...na escola, vol. 5. São Paulo: Cortez, 2012.

NÓBREGA, Antonio. Entrevista. In: *Na Ponta do Lápis*. Ano XI, nº 25, março de 2015, pp. 6 – 10.

OLIVEIRA, T. e NUNES, R. Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura. In: BORTONI-RICARDO, S. M; MACHADO, V. R. (Org.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura Marginalizada – novos ensaios*. Porto, Edições Árvore, 1980.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.